



O Camponês

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

MAIS LUTAS PELO PÃO E PELO TRABALHO

Montemor-o-Novo — No dia 17 de Novembro concentraram-se na Casa do Povo mais de 40 trabalhadores para assentarem com as autoridades locais e delegado do I. N.T. as jornas para a azeitona. Como não tivessem sido atendidos, no dia 24 concentraram-se perto de 30 trabalhadores de novo na Casa do Povo exigindo uma resposta. Perante a insistência dos trabalhadores, os grandes agrários convocaram para uma reunião secreta na Casa do Povo o presidente da Câmara e mostraram-se alarmados com a luta dos trabalhadores, por ela os obrigar a pagarem melhores jornas. Resolveram telefonar para a PIDE e chamá-la. Os agentes da PIDE prenderam imediatamente 4 trabalhadores, ao acaso, e levaram-nos presos para Lisboa, para assim tentar fazer recuar os trabalhadores, mas estes estão dispostos a continuar a lutar.

Também no mês de Outubro, 21 homens que trabalhavam numa máquina debulhadora do agrário Capelas, ganhando a 20\$00, resolveram pedir aumento de salário, o agrário não queria, mas perante a sua unidade, teve de pagar a 2\$30.

Sousel — Uns 150 trabalhadores que andavam em 8 máquinas foram contractados a 20\$00, mas passado uma semana, os agrários quiseram baixar os salários para 2\$30. Os trabalhadores não aceitaram a baixa e abandonaram o trabalho, ficando as máquinas só com os tractoristas. Então os agrários foram ter com o presidente da Câmara para este despedir cento e tal trabalhadores que andavam numas pedreiras a ganhar 18\$00, para ver se estes iam para as máquinas a 23\$00. Mas estes bons companheiros, num magnífico exemplo de camaradagem, recusaram-se a ir para as máquinas e, depois destas terem estado paradas uns dias, os agrários tiveram que mandar chamar o pessoal e pagarem os 26\$00.

São Cristovão — Um grupo de homens que trabalhava numa máquina debulhadora do agrário Cavas, ganhando 20\$00, resolveram pedir aumento de salário para 25\$00. O miserável agrário começou a chamar-lhes comunistas, mas os trabalhadores não se deixaram intimidar e largaram o trabalho. O agrário vendo que não conseguia nada, resolveu dar os 25\$00.

Bencatel — 10 trabalhadores que andavam a trabalhar com a debulhadora do José Torrinha tinham que enregar tres quartos de hora antes do nascer do sol e outros tres quartos depois do sol posto. Os trabalhadores protestaram e passaram a trabalhar menos um quarto de hora de manhã e outro quarto à noite.

Os operários das pedreiras de mármore da companhia Luso-Belga pediram aumento de salários e conseguiram um aumento de 1\$00 por dia. Todas as outras pedreiras tiveram também de dar aumento igual.

Benavila — Na Herdade do Monte do Chafariz um rancho de 74 mulheres que andava na apanha da azeitona quiz saber qual a jorna que andava a ganhar, mas o feitor para as socegar ia-lhes dizendo que não se zangariam por causa da jorna, que

trabalhassem. As mulheres estavam convencidas que iam receber 10\$00 por cada 50 litros, mas chegou-se ao sábado, dia 9 de Novembro, e o pagador queria-lhes pagar só a 8\$00 os 50 litros! As valentes mulheres recusaram-se a receber tal preço e exigiram 10\$00 pelos 50 litros. Como o problema não se resolvesse ali, as mulheres dirigiram-se todas unidas ao feitor e, como este não atendesse a sua reclamação, abandonaram todas o trabalho. Estiveram 4 dias em greve, recusando-se a ir trabalhar para o agrário, apesar do feitor ir ou mandar todos os dias chamá-las. Vendo que nada conseguia, o agrário teve de as mandar chamar pela jorna que elas pediam. Foi uma importante vitória das valentes mulheres de Benavila.

Também um rancho de 25 mulheres que andava a apanhar azeitona para o Engenheiro Carvalho, vindas da freguesia de Ervideira, verificaram que este agrário as queria roubar na medida, pois em lugar de uma canastra de 50 litros queria medir a azeitona com uma de 60. As mulheres recusaram firmemente deixar medir a azeitona com tal medida. O agrário veio com ameaças, mas no fim e ao cabo teve de pagar 10\$00 pelos 50 litros, 2 panos por casal, lenha e luz, pois as valentes mulheres declararam-lhe que se iam todas embora se ele não atendesse imediatamente as suas reivindicações.

Chança — Na Herdade do Pereiro 10 trabalhadores fizeram greve durante uma semana. Os trabalhado-

res andavam a gramar canhamo de empreitada a 1\$20 o quilo, mas mesmo arrebrandando com trabalho não conseguiram alcançar mais do que uma jorna de 11\$00 a 15\$00. Resolveram fazer greve durante uma semana e exigir 1\$40 por quilo, tendo o patronato acabado por ceder. Nesta mesma Herdade, 12 trabalhadores que andavam na rega a ganhar 25\$00 conseguiram os 30\$00, pois ameaçaram o patrão com ir-se embora.

Grândola — Durante as ceifas os trabalhadores concentraram-se na Praça de Jornas, duma vez 500, de outra 150 e de outra 200 e exigiram do patronato 8 horas de trabalho, tendo a maioria dos patrões acabado por dar as 8 horas.

Silves — Nesta região aumenta a luta contra o trabalho de sol a sol. Devido aos protestos dos trabalhadores, quase todos os patrões dão as 8 horas.

Vale de Vargo — Para a apanha do grão 14 mulheres reuniram-se e combinaram lutar por 15\$00, pois a jorna era de 10\$00. Conseguiram 12\$00, e algumas delas chegaram a ganhar 15\$00.

Baleizão — Nos trabalhos com as debulhadoras os operários agrícolas combinaram-se e alcançaram salários de 24, 25\$00 e numa máquina ganharam mesmo 30\$00. Nos grãos, as mulheres todas queriam os 15\$00, mas não passaram de 10, 11 e 12\$00, por falta de unidade.

Quintos — Um feitor queria baixar a jorna de 22\$00 para 18\$00, mas o pessoal que andava nas máquinas protestou e ele teve de recuar.

APROXIMAM-SE AS MONDAS!

É nos princípios de Fevereiro que as mondas principiam, mas os grandes agrários tudo fazem para começar a safra só em fins de Março ou princípios de Abril, que é quando os dias já são grandes, para desta forma mais explorarem os operários agrícolas, que fazem assim a limpeza das searas da erva daninha com mais horas de trabalho.

Não nos devemos esquecer que se passaram as ceifas sem que tivéssemos conseguido liquidar as nossas dívidas, e grande parte dos operários agrícolas nem ao menos conseguiram arranjar trabalho durante as ceifas!

Porque sucedeu isto? Porque os grandes agrários, sem se importarem que os trabalhadores morressem de fome, lançaram centenas de máquinas ceifeiras nas suas herdades, substituindo assim os braços daqueles que durante o inverno, apanhando frio, chuva e passando fome, tinham amanhado e criado com carinho essas searas.

Mas o mesmo não pode acontecer nas mondas, pois os agrários si não podem utilizar máquinas e têm, por isso mesmo, de meter mulheres e homens para limpar os trigais da erva daninha, se quiserem colher trigo. Por isso mesmo deve ser nas mondas que nós nos devemos unir e lutar por melhores jornas.

São as mulheres que mais exploradas são pelos agrários nos trabalhos das mondas, recebendo também os homens salários muito baixos. Uns e outros estão interessados, portanto, em alcançar um salário que possa fazer face ao custo da vida. As vitórias alcançadas pelas mondeadeiras em algumas terras do Alentejo e do Ribatejo mostram-nos que é possível alcançarmos melhores jornas se lutarmos unidos por elas.

Para isso, desde já devemos falar uns com os outros, para combinar a jorna que devemos pedir nesta safra das mondas, para não nos deixarmos arrastar, no princípio, para jornas de 8, 9 e 10\$00 para as mulheres, e 14, 15 e 16\$00 para os homens, como têm acontecido nos anos passados.

Sabemos que há trabalhadores rurais que dizem: «se pedirmos mais jornas, se nos unirmos para lutar por melhores salários, os agrários não mondam os trigos». Há outros que dizem: «é difícil unir as mulheres e leva-las a lutar por melhores jornas, pois elas estão avezadas a ganhar 8, 9 e 10\$00 e daqui ninguém é capaz de as tirar» — como se na verdade elas não gostassem de ganhar mais! Estes trabalhadores rurais que assim pensam enganam-se a si próprios, pois a realidade prática diz-nos o contrário.

Em 1954, em Vale de Vargo, todos os ranchos de mulheres se combinaram, e bem unidas, conquista-

ram jornas de 10\$00 para 15\$00. Também em Montoito, Valongo e Vendinha, no distrito de Évora, o ano passado, todos os ranchos de mulheres conquistaram jornas de 9\$00 para 14 e 16\$00. Estes exemplos bastam para nos demonstrar que é possível conquistar salários melhores através da nossa unidade e da nossa luta.

Os grandes agrários têm de forçosamente mondar os trigais, se não fizerem a erva estraga-lhes as searas, não poderão colher trigos e cevadas. Por isso mesmo desde já devemos organizar comissões de mulheres e de homens em todas as localidades, e através destas comissões e orientados por elas, realizarmos reuniões de massas onde participem muitas mulheres e homens, para assentar na jorna a pedir por todos para as mondas. Parece-nos que menos de 20\$00 para as mulheres e de 25\$00 para os homens, não é nada.

Uma outra forma de falarmos uns com os outros, para uma unidade há volta dos nossos interesses de trabalhadores, é nas mondas. Nos ranchos de 50, de 100, 150 e 200 e mais pessoas, formemos comissões de mulheres e de homens e lutemos aí por melhores jornas, enviemos também a outros ranchos essas comissões, propondo-lhes aquilo que nós pensamos realizar.

Unidos e organizados por melhores jornas nas mondas!

Um crime contra a economia nacional? Nada, por se tratar de um grande agrário fascista!

UM CRIME CONTRA A ECONOMIA NACIONAL!

O agrário fascista Alexandre Pais, de Seda (Aviz), deixou grande parte das searas por ceifar, e por isso se estragaram, só para não pagar jornas maiores! Durante a debulha também deixou estragar grande quantidade de trigo, porque começou a chover e ele ainda tinha muito trigo por debulhar por não querer meter mais gente, não quer meter mais uma ou duas máquinas e dar maiores jornas.

Este grande agrário fascista pode assim, impunemente, deixar apodrecer trigo que faz falta ao nosso povo e que temos de importar do estrangeiro.

Que fazem as autoridades salazaristas perante este crime contra a economia nacional? Nada, por se tratar de um grande agrário fascista!

PREPAREMOS-NOS PARA AS ELEIÇÕES Para A Presidência Da República!

Em 1958 realizam-se as eleições para a Presidência da República, às quais as forças anti-salazaristas concorrerão apresentando um candidato da oposição.

As massas camponesas estão interessadas em que na futura campanha eleitoral o candidato da oposição defenda os interesses dos que vivem da agricultura, e que tão mal vivem, por os seus interesses serem continuamente desprezados pelo Governo.

Para que consigamos este objectivo impõe-se que formemos nas cidades, vilas, aldeias, montes, herdades, etc, Comissões Eleitorais activas que tornem conhecido do povo o nome do candidato da Oposição, o programa que ele se propõe defender, se mantenham em permanente contacto com o povo e lhe mostrem a necessidade de ir votar no candidato popular e desmascarem os obstáculos que os salazaristas forem criando a uma larga propaganda eleitoral. Em todas as terras se podem realizar sessões eleitorais. Os oradores podem ser companheiros nossos que contem das dificuldades, da miséria, da fome e da angústia que reina nos lares camponeses em virtude da política do Governo de protecção aos grandes senhores da terra, os latifundiários.

Criemos uma vasta rede de Comissões Eleitorais!

Apoiemos o Candidato da Oposição à Presidência da República!



Vamos lá conversar, Zé!

— Bem vindo sejas o Toino, há já um rol de tempos que não te punha olho em cima, home'n!

- Tenho andado, Zé, lá para Lisboa, nas obras do Metropolitano, a ganhar uns magros vinténs, que é de um homem arrebentar com trabalho e não conseguir forrar um tostão para mandar para a mulher e filhos, que lá na terra estoiram de fome.
- Olha Toino, um homem não vai em cantigas, cá nas nossas terras também há muito trabalho para fazer e dinheiro para ganhar. Mas não podemos ficar de braços cruzados à espera que esse trabalho e dinheiro caiam milagrosamente do céu. Temos de lutar com todas as nossas forças para que esse trabalho e dinheiro venham. A nossa malta é como a cobra, que procura os caminhos quando vai morrer. Foge da exploração dos grandes agrários para se submeter à exploração dos grandes industrializ. Nem cá, nem lá, Toino, não se passa da cepa torta, enquanto cada um de nós só puchar a brasa para a sua sardinha e se isolar dos outros.
- Achas então, o Zé, que a malta não deve fugir da fome?
- Olha Toino, a melhor forma de fugirmos à fome é lutarmos unidos. Os nossos irmãos salineiros de Alcochete e os pescadores de Matozinhos, assim como os mineiros do Pejão, deram-nos um bravo exemplo com as suas greves, ensinam-nos a fugirmos à fome.
- Conta lá como foi isso o Zé?
- Olha Toino, os salineiros puzeram a nú a ganância dos donos das salinas, que há 7 ou 8 anos atrás vendiam o sal a 50\$00 cada moio e o vendem agora a 800\$00, pagando os mesmos salários que pagavam quando o vendiam a 50\$00. Os salineiros lá muito que vinham a pedir aumento de salários, mas não eram ouvidos. Até que 700 salineiros foram para a greve, como protesto contra a exploração de que eram vítimas e exigiram aumento de salários. Foi um borbório, não houve cão nem gato que o não soubesse, até as emissoras estrangeiras falaram da greve e os trabalhadores de outros países mostraram a sua simpatia e enviaram dinheiro de solidariedade para os grevistas.
- Isso foi importante Zé. Que se passou com os pescadores?
- Também os homens do mar, os pescadores de Matozinhos, fizeram greve, Toino. Fizeram uma concentração na Casa dos Pescadores, eram mais de 8.000 protestando contra a ida para o mar ao domingo, da parte da tarde, pois é dia de descanso e não de trabalho, sendo vitoriosos. Depois os pescadores compraram muitos morteiros e foguetes, festejando a sua vitória quando se faziam ao mar.
- Foi uma grande vitória dos nossos irmãos pescadores, Zé! E que se passou com os mineiros?
- Os mineiros do Pejão, cerca de 500, foram para a greve para que os patrões atendessem as suas justas reclamações e lhes dessem melhores salários.
- Que queres tu dizer, Zé, com a história destas greves?
- Quero dizer-te, Toino, que é possível a cada um lutar nas suas terras por trabalho e melhores salários, se os trabalhadores estiverem unidos, se todos nós trabalharmos para os unir.
- Os jornais não falam destas greves, pois não, Zé?
- Não, a censura não deixa! O Salazar tem medo que os trabalhadores saibam destas greves, teme que nós vamos também para a greve de solidariedade com os nossos irmãos, o que seria mau para o seu regime de fome e de exploração.
- O Zé, um homem meti-lo nos buracos do Metropolitano anda enrolado nestes acontecimentos, sem dar fé neles! Fico deveras satisfeito em saber o que me contas!
- Sim Toino, mas agora o importante é não ficar parado, é reunir e esclarecer a nossa malta, fazendo reuniões onde participem todos os trabalhadores e onde eles possam ouvir a sua voz. É preciso organizar concentrações nas Casas do Povo para que os interesses do povo e os melhoramentos locais se am resolvidos. É preciso organizar paralizações no trabalho de protesto contra a exploração dos agrários; é preciso recorrer à greve para fazer valer os nossos interesses, para fugirmos à fome!
- Isso é bem dito, Zé! Eu vou já dizer à nossa malta o que se passou!

A VOZ DO AGRICULTOR

«YOU TER UMA VELHICE DESGRAÇADA» — DIZ UM SEAREIRO DA REGIÃO DE MONTEMOR-NOVO

«Em 1926 arrendei uma propriedade por 2 contos. Com o meu trabalho arborizei a fazenda e fiz dela um jardim. A seguir o dono aumentou logo para 3 contos, e quando as oliveiras já davam um punhado de azeitona aumentou a renda para 5.800\$00. Mais tarde aumentou para 10 e depois para 14 contos. De então para cá nunca mais endireitei cabeça.»

«A propriedade, nos tempos em que estamos, pode valer uns 50 ou 60 contos. Só de rendas já paguei mais de 200 contos, umas três ou quatro vezes o valor da propriedade!»

Perguntamos a este seareiro como é que ele ainda consegue aguentar a propriedade? Respondeu: «Trabalho de noite e de dia e quando há lua trabalho quase à noite inteira. Os meus filhos iam rendendo a trabalhar! Eu já estou velho e não tenho de meu um vintém. Ando roto, descalço e mal ali-

mentado. Sei que vou ter uma velhice desgraçada, estou já a chegar aos 70. Qualquer dia sou posto fora por já não poder pagar a renda e tenho de ir bater de porta em porta!...»

«Ainda me recordo de em 1914 a batata ser vendida a 20\$00 a arroba. Agora é vendida a 7\$50, mas temos que a comprar ao Grémio a 3\$50 e 4\$00 Assim quem é que se pode aguentar? Estou farto deste maldito governo, gostava bem de o ver pelas costas! As vezes desanimo, mas ainda estou para o que der e vier!»

A situação deste seareiro é a de milhares e milhares de outros seareiros e camponeses pobres e médios. Espera-os a ruína e a miséria. Só a sua aliança com os assalariados agrícolas, a luta comum de todas as camadas do campesinato em defesa dos seus interesses económicos imediatos poderá melhorar as suas condições de vida, evitar o caminho para a miséria mais terrível.

QUARENTA ANOS DO ESTADO SOVIETICO

No passado dia 7 de Novembro fez 40 anos que os operários e camponeses da Rússia czarista derrubaram para sempre o regime capitalista e feudal do seu país, tomaram o poder nas mãos, instauraram o primeiro Estado proletário no mundo, o qual libertou os povos da sua Pátria da exploração do homem pelo homem. Os dois primeiros decretos do jovem Estado soviético foram os da Paz e da Terra, que significaram a terminação da guerra (o que revelou o profundo amor a Paz do novo regime) e a expropriação dos grandes latifundiários e distribuição da terra expropriada pelos camponeses.

A destruição da terra aos camponeses e a ampla criação em todo o território da U.R.S.S. dos kolkozos e sovkozos, apoiados por uma vasta rede de Estações de Máquinas e Tractores, permitiu aos povos da União Soviética, nestes 40 anos de regime socialista, acabarem com o desemprego e a miséria, criarem uma agricultura florescente, tecnicamente desenvolvida e altamente mecanizada. Só nos anos de 1954-1955 os kolkozos, as E.M.T. e os sovkozos receberam 404 mil tractores, 223 mil camiões, 85 mil ceifeiras-debulhadoras e uma grande quantidade de outro material. Tais fornecimentos de máquinas, além de aliviarem as largas massas kolkozianas dos trabalhos rudes nos campos, elevaram continuamente a produção na agricultura e aumentaram consideravelmente as receitas reais dos trabalhadores kolkozianos.

Juntamente com a melhoria das condições materiais e sociais do

campesinato soviético, durante estes 40 anos, o regime socialista arrancou-o da ingnorância e do atraso secular em que era mantido pelo regime czarista e proporcionou-lhe todas as condições indispensáveis à elevação do seu nível cultural. Assim as universidades, os institutos e outros centros de estudo e de cultura da União Soviética, são frequentados por inúmeros trabalhadores kolkozianos, donde saíem todos os anos muitos especialistas nos mais variados ramos da agricultura, da indústria e da ciência soviéticas.

A aliança dos operários e camponeses russos, que foi a base victoriosa da tomada do poder há 40 anos, consolidou-se fortemente durante estas 4 décadas de anos de Estado Soviético, e tem sido e continua a ser o esteio dos sucessos da U.R.S.S. tanto no plano interno como internacional.

«O Camponês» ao associar-se ao rigoroso dos trabalhadores de todo o mundo pelo 40.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, fa-lo certo de interpretar a mais profunda simpatia dos camponeses de Portugal pela gloriosa União Soviética e pelos sucessos alcançados pelos seus povos no seu caminho para uma vida mais feliz e por um futuro radioso.

«O Camponês» está convencido que a despeito de vivermos num regime fascista e policial, caracterizado anti-soviético e reaccionário, os camponeses de Portugal fortalecerão cada vez mais a sua amizade fraternal pelo grande povo soviético e pela União Soviética, firme baluarte da amizade e da Paz entre os povos.

DUAS BELAS VITÓRIAS Na luta contra o desemprego

Desde os fins de Agosto que os nossos camponheiros de BALEIZÃO, em grupos, iam à Casa do Povo pedir trabalho. Vendo que não havia meio de o conseguirem, combinaram-se e durante mais de uma semana caíram todos os dias na Casa do Povo, aos 30, 90 e cento e tal, em cada dia, a protestarem contra a sua situação de desempregados.

Os dirigentes da Casa do Povo queriam enganar-lhes com promessas e fazê-los esperar. Os trabalhadores disseram que não podiam esperar mais, que não arrearariam pé da Casa do Povo enquanto não lhes dessem trabalho, que não se deixariam morrer de fome porque iriam buscar o pão aos celeiros dos grandes agrários. Por imposição dos trabalhadores liberaram de telefonar da Casa do Povo para as autoridades de Beja e dentro de poucos dias estavam a trabalhar todos, ou quase todos, os desempregados.

Na ALDEIA NOVA DE SÃO BENTO os trabalhadores foram, de uma vez 30, da outra 100, à Casa do Povo a pedir trabalho. O espírito rio da Casa do Povo, José Dias, ameaçou-os com a GNR, e da última vez mandou-os por na rua, mas os nossos camponheiros sentaram-se à porta e durante uma semana não largaram a Casa do Povo. O presidente foi forçado a ir falar a um empreiteiro e foram empregados quase todos os camponheiros que estavam sem trabalho.

Estes dois belos exemplos victoriosos dos assalariados agrícolas na luta por trabalho, são um exemplo a seguir pelos desempregados de outras localidades, mostra-nos como é possível, mesmo com o governo de Salazar no poder, libertar algumas reivindicações dos trabalhadores, desde que estes se mantenham unidos e firmes nas suas posições.

LER E DIFUNDIR «O CAMPONÊS»!

O jornal «O Camponês» é o unico jornal que em Portugal é feito por camponeses e destinado aos camponeses, que defende nas suas colunas os interesses dos assalariados rurais e dos pequenos e médios camponeses.

«Não basta ler «O Camponês». É preciso levar a nossa voz e a defesa dos nossos interesses ao conhecimento do maior número de portugueses honrados. Para isso é preciso que cada leitor de «O Camponês» arranje um novo leitor. Desta forma dobraremos a tiragem do nosso jornal!»

É preciso ajudar «O Camponês» enviando artigos, cartas, sugestões e críticas, que serão sempre bem recebidas. É preciso ajudar «O Camponês» recolhendo fundos para o ajudar a viver!

AUXILIO PARA «O CAMPONÊS»

Mes de Junho:

Amigo da Paz	2\$90
Dois amigos de «O Camponês»	3\$90
Família de paz	1\$50
Monte Vermelho	1\$50
Lista número 841	3\$50
Lista número 878	1\$50
Lista número 882	1\$50
V.V.	1\$00

Mes de Setembro:

Lista número 876	1\$50
Lista número 885	2\$50

Total 17\$50